

659

A Companhia de Fuzileiros no Exército dos EE. UU.

(*"The Rifle Company" in INFANTRY JOURNAL — Condensed from F. M. 710*).

Trad. e adapt. dedicada às F. E. B. pelo Cap. NELSON R. CARVALHO (Do Regimento Sampaio).

PRIMEIRA PARTE : O COMBATE OFENSIVO

GENERALIDADES E ORGANIZAÇÃO SUMÁRIA — A Companhia de Fuzileiros é a unidade básica de Infantaria, com funções administrativo-aprovisionadoras próprias. Ela compreende 1 Secção de Comando, 3 Pelotões de Fuzileiros e 1 Pelotão de Petrechos (1) :



Sec. Cmd.



3 Pels. de Fzts



1 Pel. de Ptr.

A Sec. Cmd. comporta todo o pessoal necessário ao Cap. da Cia. para auxiliá-lo no desempenho de suas funções

(1) — Uma figura vale mais que mil palavras (provérbio chinês...) Quando estes e outros símbolos a serem empregados, figuram aqui a título de sugestão — sempre que possível serão aproveitados os regulamentares. No caso, o logotipo é indicativo de Pel. ou correspondente; os 3 pontos lembram os galões do mulo, e a organização de cmd; o F. M. indica fuzileiro e o antigo indicativo de Mtr L com a porta em seta, os Ptr. (o símbolo participa da Mtr L e do mulo, onde a seta representa as pernas do mulo). Todos os mais que surgirem neste trabalho, obedecerão à preocupação de simplicidade e identificação imediata, não forem os do próprio R.

administrativas, suprimentares e táticas. Divide-se ela em 2 partes — 1 Grupo de Comando e 1 Grupo de Administração. No primeiro deles está incluído o Cap., o Sub-Cmt, o 1.º Sgt, o Sgt. das Trns, o Corneteiro, o Ordenança (2) e os Msg:



Do Grupo de Administração fazem parte o Sgt. Aprovis. o Armeiro-artífice, o Sgt. do Rancho, os Cozinheiros e Ajudantes de Cozinheiro e o Escrevente da Companhia:



O Pelotão de Fuzileiros dispõe de 1 Grupo de Comando e de 3 Grupos de Combate.

No Pelotão de Petrechos se encontram o Grupo de Comando, 1 Secção de Morteiros de 60 mm e 1 Secção de Metralhadoras Leves.



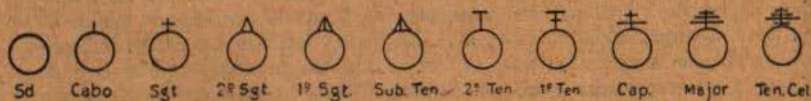
Pel Fz

Pel Prr

O ARMAMENTO E O SEU EMPREGO: A Companhia utiliza-se no combate armas individuais e coletivas. As primeiras são o fuzil, a baioneta, a carabina, a pistola, a granada de

(2) — Nas Cias. do Tipo Americano não há mais ordenança (informação de camaradas recém-vindos dos EE. UU.)

(3) — Símbolos dos diferentes postos e graduações (sugestão e R.).



Nota O espaço vazio será preenchido com o símbolo da função.

ão e a granada anti-tanque de fuzil. As armas coletivas são Metralhadora Leve, o Morteiro de 60 mm e o Fuzil Auto-ático.

O Fuzil M é a principal arma individual da Companhia. Seu longo alcance, facilidade de manejo e pequeno peso dão-



pôr bem indicado em qualquer combate em que a infantaria tenha que tomar parte. Devido às suas características, os homens com ele armados, isoladamente ou agrupados, podem desencadear, rapidamente, preciso e massivo fogo sobre qualquer objetivo terrestre ou aéreo que se apresente dentro de seu alcance.

Há, ainda, um fuzil M 1903 em cada G. C., destinado a disparar a granada de fuzil A T (anti-tanque), e que pode também atirar com munição 30 contra objetivos em terra e no ar.

A baioneta é a arma do combate corpo a corpo. O adexamento no seu uso confere ao soldado de infantaria maior confiança em suas possibilidades contra o Jap e o Nazi no combate a arma branca.



A Carabina permite maior volume de fogo e mais precisão de tiro do que a pistola e seu alcance eficaz é de 300 jardas (quase 300 ms). É a arma das equipes das armas coletivas para sua proteção imediata e constitui ainda o armamen-

to individual do pessoal a que estiver distribuido. (Presentemente são armados com ela todos os oficiais da Cia.)

A Pistola Automática é uma arma para fins de defesa imediata e individual, podendo alcançar até 50 jardas. São armadas com ela todos os homens que não conduzem o fuzil, a carabina ou o fuzil automático.

A Granada de mão é principalmente usada em situações defensivas — seu raio de ação é de 30 jardas, com eficácia. Há ainda uma granada de mão ofensiva, de emprego em situações ofensivas. O sopro desta granada é eficaz num raio de 7 jardas.

A Granada A. T. de Fuzil é atirada com o Fuzil M. 1903, calibre .30, conduzido no G. C. pelo Granadeiro A. T. (certas Cia. Fz do Tipo Americano atribuem este fuzil ao Cabo Auxiliar — N. T.). A Granada A. T. pode ser atirada de braços, de pé, de joelhos ou mesmo sentado e ainda dum abrigo individual ou dum elemento de trincheira. Esta granada, dotada de alto poder explosivo, é satisfatoriamente eficaz, dentro de seu alcance, contra todos os tipos até agora conhecidos de tanques médios e leves.



A Metralhadora Leve

O fogo da Metralhadora Leve constitue um reforço ao fogo dos fuzis pela sua possibilidade de aplicação em rajadas curtas, às pequenas e médias distâncias: sobre agrupamentos de pessoal, sendo empregada também na proteção dos flancos dos pelotões; no reforço do fogo das metralhadoras pesadas e contra veículos blindados ligeiros.

O Morteiro de 60 mm é utilizado contra objetivos até distância de 1935 jardas, sendo porem sua eficácia da ordem de 1.000 jardas. Sua margem de segurança é 100 jardas, para as tropas amigas. A observação de seu tiro, para efeito de controle de fogo,, deverá ser realizada a distância de voz de transmissão por gestos (mãos e braços) da posição de



Uma peça de 60 mm em ação

São objetivos para o morteiro todos os objetivos desenhados às trajetórias das armas de tiro tenso, como pequenas áreas ocupadas pelo inimigo, pontos suspeitos, abrigos de tropas e guarnições de armas coletivas.

O Fuzil Automático confere ao Cmt. do G. G. uma arma de fácil manejo, capaz de um grande débito de fogo de controle de fogo. É empregado contra objetivos terrestres da natureza dos assinalados para a M. L., podendo também atirar con-



O Fuzil Automático

tra objetivos aéreos. Seu pequeno peso permite ao atirador acompanhar os lanços dos demais homens do G. C., bem como atirar de qualquer posição.

A Companhia dispõe ainda de um certo número de viaturas de armas (4) armadas com um Fuzil Automático de reparo fixo, destinadas à proteção das demais viaturas de armas da companhia contra os aviões do eixo e suas forças de terra.

Mesmo sob o fogo das armas leves do inimigo, as metralhadoras leve, os morteiros e a munição são deslocadas a braço. Desde que o terreno seja praticável porém e o fogo do inimigo o permita, armas e munições são transportadas nas viaturas de armas. Convém notar que o armamento individual e os fuzis automáticos (excepto, naturalmente, os das viaturas de armas) são sempre conduzidos pelos seus próprios portadores.

DAS POSIÇÕES DE TIRO: As posições de tiro das quais as M. L. e os Mrt possam ser chamados a cumprir suas missões de fogo ou serem postos em vigilância, podem ser classificadas em principais, previstas e secundárias.

A posição principal é, como o nome indica, uma posição selecionada, isto é, aquela que permite realizar a missão nas melhores condições. A posição prevista é também uma posição da qual as armas assinaladas podem cumprir suas missões, como na posição principal, desde que seja necessário abandonar a estas, quer porque estejam referidas pelo fogo inimigo, quer por outras razões. E o itinerário da posição principal para a posição prevista, naturalmente, deverá ser desenhado das vistas e dos fogos do inimigo, além de permitir o deslocamento a braços da armas em apreço. A posição prevista deverá também ficar fora do raio de ação do fogo que incidir sobre a posição principal. A posição secundária, finalmente, é aquela ou aquelas das quais as armas podem cumprir missões outras que não aquelas assinaladas às posições principais, necessariamente missões secundárias, como é fácil de ver.

(4)— A Cia. só dispõe de 1 Viatura de Armas, hoje (informação de camarada vindo dos EE. UU.).

As tropas do eixo procurarão sempre localizar nossas armas, principalmente metralhadoras, fáceis de assinalar pelos vapores d'agua (5) desprendidos do cano da arma durante o tiro pela própria chama. Quase sempre, aliás, é possível conseguir desenfiamento a vistas e fogos, exceto, é claro, na própria direção do tiro. Tais posições desenfiadas se encontram no lado de barrancos e ondulações, atrás de espaldões, dentro ou atrás de edificações, de moitas e outros obstáculos que tais.

A trajetória curva do morteiro permite-lhe atirar sempre em posições desenfiadas. Seu pequeno porte dissimula-o nas pequenas depressões de terreno (excavações de granada, valetas, burundús) e sua guarnição pode utilizar-se da vegetação para ocultar-se à observação inimiga.

Toda a vez que ocorrer um alto, uma parada, no decorrer de uma progressão em zona de combate, os homens devem procurar e melhorar os abrigos naturais, ou preparar abrigos individuais para si e para o seu armamento. Do mesmo modo, recorrerão às posições de tiro de toda a natureza, bem como a pontos abrigados do terreno para os homens e o armamento, durante os lanços do ataque.

Sempre que possível, os chefes das unidades elementares devem procurar que homens e armas não direta e imediatamente envolvidos estejam abrigados, temporariamente embora. Assim é que, no ataque, tais posições desenfiadas devem ficar logo a retaguarda das posições de tiro do G. G. ou das Seç. Na defensiva as posições de abrigo são localizadas proximo das de tiro e ocupadas logo depois de preparadas (preferentemente aberturas naturais do terreno). Sentinelas são postadas nas posições de combate e darão o alarme à aproximação do inimigo.

A posição de descarregamento é o local onde as armas do Pel. de Ptr, uma reserva inicial de munição e os acessórios indispensaveis, são descarregadas das viaturas de armas e transportados, a partir daí, a braços, para as posições de abrigo e posição de tiro. A posição de descarregamento deve ser de-

(5) — Estas armas são de refrigeração pela água (algumas delas).

senfiada das vistas e dos tiros, tanto para os homens como para as viaturas.

TRANSPORTE ORGÂNICO DAS CIAS FZ: As Companhias de Fuzileiros são dotadas, para as suas necessidades de transporte, de viaturas armas, as quais asseguram o transporte do armamento e da munição do Pel Ptr; quanto à cozinha e seu equipamento, às rações, água, peças de uniforme do pessoal, munição da dotação de combate e demais pessoal, tudo isto é transportado pelas viaturas do batalhão. (6).



Transportes do tipo "viatura armas" numa posição de descarregamento

EMPREGO TÁTICO DA COMPANHIA: Papel do Capitão — A Companhia de Fuzileiros é empregada segundo o plano do comandante do batalhão. O capitão, de posse dele, delinea o seu próprio de acordo com a missão que lhe foi determinada, coordena a ação de seus pelotões e o fogo de todas as suas armas. A companhia pode fazer parte do escalão de fogo ou do escalão reserva do batalhão. É dever do comandante da companhia manter o comandante do batalhão inteiramente ao par da situação na frente da companhia — os primeiros contatos e as identificações mais recentes são sempre notificados pelo meio mais rápido disponível. Todas as pausas do combate são aproveitadas pelo capitão para enviar ao seu tenente coronel cmt de batalhão toda e qualquer alteração da si-

(6) — A Cozinha é transportada num caminhão de 1½ To. com Reboque de 1 To., pertencente ao Regimento (Cia. de Serviços) — Inf. de camarada.

ção. Além disso, participa toda a linha atingida ou objetivo e sempre que lançar os seus elementos de apôio em ação.

Sempre que a Companhia for destacada, recebe missão da autoridade sob as ordens de quem foi posta. Por outro lado, seu comandante terá então necessidade de desenvolver a sua iniciativa num gráo muito maior do que quando se achava sob as ordens de seu comandante de batalhão. De qualquer forma, as decisões mais importantes bem como frequentes participações de posição e deslocamento, devem ser rapidamente submetidas a aprovação do comandante imediato.

Na zona atribuída à sua Companhia, o Capitão responde pela sua segurança, devendo realizar os necessários reconhecimentos.

COMO O CAPITÃO TOMA A SUA DECISÃO: O processo mais racional capaz de conduzir o chefe a uma decisão fundamentada com a missão que lhe foi atribuída, é a análise dos fatores da decisão. Assim, sempre norteado pela missão recebida, o Capitão analisa — o terreno, as disposições das tropas amigas e a das do Eixo, os seus e os efetivos do inimigo e o apoio que razoavelmente pode esperar das armas de apôio e das forças vizinhas. Consequência desta análise, ele escolhe entre os planos viáveis aquele em que o inimigo tenha as menores possibilidades de interferir, comparando cada um de seus planos com cada uma das possibilidades do adversário a esse respeito. Terá assim o plano que reúne mais probabilidades de sucesso, apesar da reação que Japs ou Nazis possam lhe oferecer. Para unidades menores, como é o caso da Cia Fz.^o, esse exame pode ser feito com rapidez e simplicidade. É baseado nas informações conhecidas às quais acrescentará as que obter através de seu pessoal de reconhecimento, as fornecidas pelos seus cmts de pels e pelas patrulhas. O exame dos fatos e a decisão culminará, assim, numa decisão e esta decisão deverá exprimir, de maneira concisa, o que o Capitão pretende fazer com sua Companhia.

PREPARO DA AÇÃO: O Comandante da Companhia é responsável pela instrução, disciplina, abastecimento, emprego

tático e controle geral de sua companhia. O Capitão responde pela eficiência de sua companhia nas tarefas que lhe possam caber em campanha, para o que deve tê-la sempre bem treinada, treino pelo qual é responsável: a companhia deve desempenhar sempre com proveito o seu papel no conjunto militar de que faz parte. Deve ainda prever e agir de maneira a ter a companhia preparada para as missões possíveis bem como cuidará sem descanso de manter os seus subordinados em condições de cumprirem suas tarefas de maneira convincente, em prol da companhia. Quanto as decisões a tomar no transcurso das ações são de sua responsabilidade e iniciativa, dentro do quadro da missão e das ordens recebidas. Muito embora possa ele receber sugestões e trocar ideias com seus subalternos, é sempre o único responsável pelo que sua unidade fizer ou deixar de fazer.

ORDENS: Tendo-se enfim decidido pelo plano de ação que melhores possibilidades lhe confere para cumprir a missão recebida, o Capitão vai agora reparti-la com os elementos subordinados. As ordens da Companhia são normalmente verbais, diretamente aos cmts. de pel. ou, ainda, escritas. Sempre que necessário, um esboço ou croquis acompanha a ordem. Antes do combate, os subordinados podem ser reunidos para receberem suas ordens. Tal prática é aconselhável, de vez que permite orientar pessoalmente os subalternos sobre suas missões particulares, com a vantagem de assegurar-se o capitão que suas ordens foram bem compreendidas.

Sempre que praticável, tais reuniões devem se processar de pontos escolhidos, dos quais possa o capitão assinalar as partes mais importantes do terreno a percorrer. Na fase do ataque, porém, tal coisa será as mais das vezes impraticável, já que é preciso contar com os fogos e a observação do Eixo. Se o tempo urge e os Cmts de Pel estão separados, o Cmt da Cia. expedirá suas ordens, desdobradamente, a cada um deles. O que não se deve fazer é afastar do comando os Cmts. de Pels engajados, mesmo a pretexto de receber ordens.

DEVERES DO CAPITÃO DURANTE O COMBATE:

- 1.º) Saber bem onde o inimigo se encontra e o que é capaz de fazer;
- 2.º) Manter-se informado acerca da situação na frente nos flancos de sua sub-unidade;
- 3.º) Antecipar-se às necessidades de seus pelotões quanto a apóio de fogos, lançando à ação as armas do Pelotão de trechos capazes de fornecerem os fogos praticáveis e, mesmo, apelando para o Cmt do Btl., em reforço de apóio de fogos, sempre que isto fôr necessário. Neste caso, indicará não somente os objetivos como também quando e por quanto tempo aqueles fogos deverão ser desencadeados;
- 4.º) Assegurar o apóio recíproco e a cooperação estreita das frações subordinadas de sua companhia;
- 5.º) Auxiliar as Companhias vizinhas sempre que isto possa ser feito sem detrimento de sua própria missão;
- 6.º) Assegurar, permanentemente, a proteção de sua companhia;
- 7.º) Controlar os elementos de apóio da Cia antes de seu emprego e depois empenhá-los no cumprimento da missão para explorar situação favorável criada pelo seus próprios por elemento das Cias. vizinhas;
- 8.º) Assegurar a execução de suas próprias ordens, procurando acompanhar sua execução, e intervindo rapidamente, sempre que preciso;
- 9.º) Controlar o emprego dos transportes da Companhia dentro da Zona atribuída a sua sub-unidade, providenciando imediato recompletamento da dotação da munição;
- 10.º) Manter o Cmt. do Btl. permanentemente informada a situação, através de frequentes partes sobre a atuação de sua sub-unidade e sobre as atividades do inimigo.

A SECCÃO DO COMANDO DO CAPITÃO NO COMBATE: O Comandante da Companhia utiliza seus órgãos de comando principalmente durante os preparativos do combate e através da ação.

O 1.^o Tenente Sub-Comandante mantém-se inteiramente identificado com a situação tática no que se refere a Companhia e substitue seu Capitão em sobrevivendo o seu impedimento em ação. Responde também pelo cumprimento de qualquer tarefa que o seu comandante lhe venha a confiar. Durante o combate compete-lhe o comando direto do P. C., posto que se abandonará no caso de tê-lo de assumir o comando da Cia. ou de um de seus Pels. Mantém-se ali em constante ligação com os Comandantes de Cia. e de Btl. Ele notificará sempre o Comandante de Btl. dos deslocamentos ou mudanças do P. C., utilizando normalmente para isso um novo mensageiro, o qual substituirá no P. C. do Btl. o mensageiro para lá remetido anteriormente. Frequentemente o sub-cmt é posto no controle dos movimentos das viaturas de armas dentro da zona atribuída à Cia. bem como no do remuniamento dos pelotões.

O 1.^o Sargento auxilia o Capitão cumprindo qualquer tarefa que este lhe distribua. Durante o combate sua função varia desde sua utilização na administração e no abastecimento até o comando do pelotão. Normalmente é ele um auxiliar imediato do Sub-Cmt, encarregando-se do P. C., na ausência de qualquer oficial, e assumindo aí as funções do Sub-Cmt, principalmente quanto à manutenção das ligações e transmissões, sempre que este tenha que deixar o P. C.

O Sargento das Transmissões: é um auxiliar especialmente treinado no uso do telefone e emprego de artifícios óticos, na preparação de esboços e croquis, estando apto ainda para as funções de observador especializado. É o auxiliar do Capitão na observação da Cia. Ele dirige e fiscaliza a sinalização ótica, organiza e realiza a observação na zona de ação de sua companhia, fiscaliza a instalação e o funcionamento do equipamento telefônico da Sub-unidade bem como está apto para proceder do mesmo modo com qualquer outro equipamento técnico de transmissão que possa vir a ser distribuído. Recebe e despacha os mensageiros e agentes que trabalham com o comandante da Cia. e ainda pode ser por ele incur-

bido de outros deveres. É habilitado ainda na confecção de esboços e calcos.

O Corneteiro: É treinado também como observador e como tal auxilia o Capitão na observação da Cia. e controle dos sinais óticos.

Os Mensageiros são todos treinados também como observadores. Um deles acompanha o Cmt da Cia. e o auxilia na observação e controle, encarregando-se do envió de mensagens ao P. C. e aos Pels. Um outro é enviado diretamente ao P. C. do Btl. tão logo esta unidade se desenvolva para o combate. Os demais permanecem no B. C. da Cia., onde serão encarregados das mensagens a expedir.

O Ordenança é também treinado como mensageiro e como observador. Ele acompanha o Cap. a toda a parte, servindo-lhe de guarda-costas, e o auxilia na observação e controle.

Quando a companhia se desenvolve para o combate, cada pelotão envia ao P. C. um mensageiro, sendo que, no caso do Pel Ptr empregar suas seções destacadas, este Pel enviará dois mensageiros. Em muitos casos, um Cabo da Companhia de Petrechos Pesados do Btl (equivalente a atual C. M. B.) é enviado ao Capitão, ao qual se apresenta. Igual conduta devem ter os homens que realizam a observação avançada das Seç. de Art. (Obuzes 105, orgânicos do R. I. — Companhia de Comando) de Apôio, por ventura operando na zona de ação da Cia. Fz.: apresentam-se ao Cap. e lhe dão conta dos observatórios escolhidos, onde se encontram. Idem quanto aos da A. D.

SERVIÇO EM CAMPANHA — MARCHAS E ESTACIONAMENTOS: A Companhia de Fuzileiros marcha normalmente como parte do Batalhão, em coluna de estrada, até o desenvolvimento deste para o combate. A Seção de Comando



(correspondente à Seç. Extra) forma usualmente como os G. C. e marcha na testa da Cia. O Pel Ptr, as viaturas de armas de menor porte e os serventes, deslocam-se normalmente à retaguarda do último Pel Fz. As viaturas de armas, normalmente, se deslocam com as demais na retaguarda do Btl ou da coluna do Regimento.

Nas marchas diurnas, a menos que seja determinado outra formação, a Cia. marcha em coluna por dois, uma fila de cada lado da estrada. Frequentemente o Cap. estuda o terreno em torno, de maneira a poder desenvolver a sua sub-unidade, rapidamente, e em situação favorável. Exige de seus sargentos e oficiais toda a atenção à disciplina de marcha, principalmente quanto aos retardatários. Mantém a velocidade de marcha prescrita pelo comandante do Btl, sempre que fôr a sua a Cia. testa da coluna; as demais, terão apenas que regular a própria posição. Quanto ao local em que se deve postar, será à testa de sua sub-unidade, podendo, entretanto, marchar onde se fizer necessário.

SEGURANÇA EM MARCHA: Um alarme em tempo útil é vital na redução das perdas por ataques mecanizados e aéreos. Conforme a situação, postos aéreo-anti-tanque são escalados para a proteção da Cia. ou dos pelotões separados. Estes postos recebem setores de observação e vigilância.

Para alertar a coluna da aproximação de aviões ou blindados inimigos, tais postos ou qualquer pessoal encarregado de missão de segurança, utilizar-se-á dos seguintes sinais:

— três silvos longos de apito, de busina sirene ou claxon, repetido seguidamente;

— séries de três disparos, espaçadas, de fuzil, fuzil-automático, carabina, pistola, ou

— três rajadas curtas de metralhadoras ou sub-metralhadora.

Durante o dia, o alarme será dado na direção do perigo iminente. À noite, tais sinais são completados a voz, para indicar a direção do perigo.

Todos os meios de transmissão ao alcance da mão são

utilizados para fazer chegar o sinal de alarme a todos os homens da Cia. ou dos Pels separados.

Dado que seja o alarme, as tropas a pé dispersam-se imediatamente e buscam cobrir-se, limpando a estrada. Todos os carros e valetas das proximidades podem ser utilizados para isso, aproveitando sempre todo o obstáculo que possa oferecer impedimento ao movimento dos tanques. As viaturas de armas, quando estejam com a Cia., devem abandonar logo toda área suscetível de ataque aéreo, procurando prosseguir pelas proximidades da estrada onde aproveitará também os obstáculos anti-tanque naturais.

Na falta de ordens expressas, o Comandante da Companhia decide se deverá ou não atirar sobre os aviões inimigos. Quando não houver interesse em manter a tropa ignorada do inimigo — ou, é óbvio, não fôr possível subtraí-la às vistas aéreas — todos os homens armados de fuzil, fuzil-automáticos e carabinas, abrem fogo tão logo as máquinas do Eixo estejam dentro do alcance de suas respectivas armas. Pelo contrário, quando fôr essencial mantê-la ignorada do observador aéreo e se acredite ter conseguido escondê-la às suas vistas, ninguém atira sobre ele.

Num caso de ataque de tanques ou veículos blindados livres, empregam-se os fuzis de granadas anti-tanque (um por Companhia) dentro de seu alcance. (7) Os objetivos mais próprios são os M1 (Garand, de que são armados a maioria dos homens do G. C.) carabinas (arma individual de alguns gradados e oficiais) e metralhadoras leves (Pel. Petr da Cia.) das tropas a pé do Eixo. Estas armas, ordinariamente, não entram em ação à aproximação dos tanques mas devem fazê-lo sobre os veículos blindados ligeiros, visando sua guarnição (transporte pessoal e carros de reconhecimento), desde que entrem no raio de suas armas. Logo que os tanques tenham desaparecido ou se afastado, homens e armas retomam suas posições de tiro, abandonando assim os cobertos em que se tinham pro-

(7) — A Cia. Fz^o. é dotada já com Lança foguetes anti tanques, o A.T.M.1 grande eficácia desde os 200 ms contra tanques leves e médios.

tegido; o mesmo será feito com relação às tropas a pé que se aproximarem.

À noite, o comandante da companhia tomará especiais cuidados com a disciplina de marcha, manutenção do contrato e reaprovisionamento. Uma atenção particular será dispensada a evitação e luzes e ruídos. Cerram-se distâncias entre os elementos e entre os homens. No caso de avião inimigo que lance foguete iluminativo, a companhia faz alto e todos os homens abaixam a cabeça e se conservam imóveis até que a luz se extinga. A não sêr que a coluna seja alvejada pelo avião, ninguém atira sobre ele.

ESTACIONAMENTOS: Normalmente, a Cia. de Fz^o. bivaca como parte integrante do batalhão ou de unidade maior e recebe uma área de bivaque no âmbito daquelas unidades. O Cmt da Cia. ou seu representante divide essa área entre os pelts e sec cmd, reserva um local para o P. C., para os transportes (a menos que outra cousa esteja determinada para estes), para a cosinha e para as latrinas. Do mesmo modo, deverá escolher um local de reunião, onde a Cia. formará quando tiver que prosseguir no movimento.

Uma vez o bivaque estabelecido, uma guarda interna e um sistema de alarme aéro-anti-tanque são providenciados pelo Cmt de Btl ou R. Em cada Pel, um oficial e sargentos estão sempre de serviço. Sua atenção se voltará particularmente para os indícios de ataque pelo gaz, veículos mecanizados e aviões. Todos os homens cavam elementos de trincheira para uma proteção eventual, todos eles disfarçados à observação aérea (do mesmo modo que as barracas abrigos que tiverem sido armadas). Postos de granadeiros anti-tanque são montados em pontos escolhidos, dos quais possam assegurar a melhor proteção a toda a Cia. em caso de ataque por tanques.

A MARCHA DE APROXIMAÇÃO

A Marcha de Aproximação conduz a Cia. ao encontro imediato do inimigo inteiramente preparada para o combate

e com um mínimo de perdas. Ela começa quando a Cia. abandona a marcha de estrada e se desenvolve no terreno, de acôrdo com as ordens do Cmt do Btl; ou ainda quando este desenvolvimento fôr tomado por iniciativa do Cap., numa emergência qualquer por sua iniciativa pessoal. Termina quando a Cia. atinge uma linha além da qual só pode progredir pelo emprego de seu fogo, precisando combater para avançar.

Quanto à formação de marcha na aproximação, é ela determinada pela natureza do terreno e pela força dos elementos de cobertura.

A ordem de aproximação do comandante do batalhão prescreve ao capitão o lugar da Cia. na formação do Btl, deixando, habitualmente, ao Cap. as medidas complementares que se fizerem necessárias. Costuma ainda o Cmt do Btl assinalar à Cia. uma zona ou uma direção de marcha, com uma frente bem definida, ou regula ainda a marcha por uma Cia.-Base. Linhas sucessivas a atingir podem sêr também assinaladas.

ORDEM DE APROXIMAÇÃO DO CAPITÃO: Tendo recebido a ordem de aproximação do Btl, o Cmt da Cia. vai redigir a sua própria ordem, geralmente de forma parcelada. Tal ordem deve incluir:

- 1) As informações necessárias sôbre o inimigo e as tropas amigas;
- 2) A missão e a linha primeira a atingir pela Cia.;
- 3) A distribuição dos pelotões e seq de cômnd pelos escalões da Cia., para a marcha de aproximação; a distribuição e a missão dos elementos do Pel Ptr; as distâncias entre os elementos ou escalões; e a designação de um Pelotão Base;
- 4) A direção (ângulo de marcha ou ponto de direção afastado) ou itinerário a ser seguido;
- 5) As linhas a atingir e a frente para o pelotão (ões) de primeiro escalão (nas marchas diurnas);
- 6) O reconhecimento e as medidas de segurança, inclusive postos aéro-anti-tanques;

"A ZOOA", o A.C.M.A. dos
americanos, de que voce de
ser detidado no dia 20
(E.T.)



7) A conduta a seguir nos casos de ataques terrestres e aéreos (os ataques terrestres mecanizados são em geral protegidos pelo Btl — normalmente através de um roteiro. (S. O. P. do americano).

8) O dispositivo das viaturas de armas, caso estejam sob controle da Cia.;

9) O lugar inicial do Cmt da Cia. e seus prováveis deslocamentos.

O Cmt da Cia é responsável pela segurança de sua Cia desde o momento em que deixa a coluna de btl. Quando a sua marcha não fôr coberta por outros elementos a vista, ele despacha algumas patrulhas para preceder a Cia. elementos que além de cobertura contra patrulhas inimigas devem assinalar as localidades ocupadas. Quanto aos flancos expostos, são eles coberto por flanco-patrulhas e quanto às ligações com as Cias. vizinhas, o Cap. as assegura por meio de elementos de ligação, tirados dos Pel de 2.º escalão.

LOGAR DO CAPITÃO: O Cmt. da Cia. marcha com ou adiantado dos Pels. de 1.º escalão. Se outra é a Cia. Base, seu Pel. Base guiar-se-á em seu movimento pelos movimentos daquela Cia. — fora daí caber-lhe-á assegurar a direção de marcha e sua velocidade para a su Cia.

Conforme as variações do terreno e da situação tática, das necessidades de segurança ou de reconhecimento, da visibilidade, o Cap. pode determinar alterações de direção de marcha, de formação ou nas medidas de segurança e de reconhecimento requeridas por qualquer dessas mutações. Do mesmo modo, pode acrescentar linhas intermediárias às fixadas pelo Btl. se o lugar acertado fazê-lo.

EXECUÇÃO DA MARCHA, DE DIA: Os Pels. fazem apresentar ao P. C. da Cia. tão logo tenham tomado seu lugar no dispositivo de marcha, os respectivos mensageiros.

De dia, a marcha de aproximação deve ser realizada em formações que assegurem uma proteção efetiva contra os fogos de artilharia, ataques terrestres e aéreos. Além disso, tais formações devem permitir um máximo de aproveitamento do ter-

reno no sentido da invisibilidade, da cobertura e da proteção contra ataques por forças mecanizadas, sem todavia dificultar ao Cmt. da Cia. o contrôlo do movimento. Consequentemente, os Pels. devem guardar entre si distancias e intervalos, ou só uma dessas medidas. Em terreno limpo, as distâncias e intervalos podem ir até as 300 jardas. Já em bosques, aquelas medidas devem sêr bem diminuidas e até o ponto em que a ligação a vista seja possível, sendo mesmo que, se as árvores forem muito cerradas, ter-se-á que apelar para as filas e elementos de ligação entre os Pels. Quanto às formações dos Peds. o Cmt. da Cia. não deve prescrever nada neste sentido, embora seja do seu dever intervir prontamente para corrigir qualquer erro eventual, de formação.

Auxiliado de perto pelos elementos de sua Sec. de Cmd., o Cmt. da Cia. reconhece frequentemente o terreno a percorrer, procurando sempre os trechos desafiados. As áreas gizadas ou bombardeadas, as expostas ao fogo das armas ligadas e os pontos suspeitos de servirem de reparo a artilharia inimiga, (aldeias, gargantas, entroncamentos de estrada, árvores e pequenos bosques) devem sêr evitados sempre que possível. No caso das zonas batidas não puderem ser evitadas, serão elas atravessadas por lanços individuais ou de pequenos grupos, sob direção de graduados. O Cmt. da Cia. pode, por precaução, resolver atravessar áreas suspeitas (estradas, cristas, aterros) não submetidas ao fogo do inimigo no momento, por lanço de toda a Cia., ou por lanços de Pels., de cada vez.

Independentemente da posição da Cia. no dispositivo do Btl., deverá ela manter seus próprios postos de alarme de ataque aéreo ou mecanizado. Estes postos recebem na ordem inicial do Cap., por Pels., setores de observação, os quais são distribuidos de maneira assegurar à Cia. uma contínua e completa observação.

Quer a marcha de aproximação do Btl. seja ou não coberta, cabe-lhe e à Cia. a própria proteção e segurança, bem como o reconhecimento da frente e dos flancos. Ela se realiza com uma ou mais companhias em 1.º escalão, as quais

recebem por isso uma zona de marcha e missões bem determinadas de reconhecimento e segurança.

O Cmt. da Cia. fornece aos Pels. de 1.^o Escalão a frente e uma ou mais linhas a atingir. Entre elas se include a primeira linha do Btl., assinalada por este em sua ordem, e outras posições intermediárias do terreno, (preferentemente espaçadas de 500 a 600 jardas) julgadas necessárias para garantir o escoamento do restante do Btl. ou assegurar a preparação do ataque, eventualmente.

Os Pels. de 1.^o escalão são frequentemente reforçados por seções de morteiros. O Pel. de Ptr. menos as seções assim destacadas, desloca-se por itinerários e para áreas donde melhor possa prestar aos Pels. de 1.^o escalão um apóio eficaz. Os Pels. de Fz. de 2.^o escalão, por sua vez, deslocam-se por lanços, de maneira a desfrutar ao máximo das vantagens da invisibilidade e do desenfiamiento e de modo a poder sempre proteger o flanco mais vulneravel da Cia.

O deslocamento se faz por lanços. Cada uma das linhas a atingir deve estar de posse dos Pels. de 1.^o escalão antes que o escalão da retaguarda deixe a cobertura precedente. Um ligeiro alto pode sêr feito em cada linha sucessiva atingida afim de sêr examinada a direção e feitas as mudanças de formação e adotadas as medidas de segurança aconselhadas.

Uma Companhia em escalão de retaguarda do Btl. mantém ligação estreita com a (s) de 1.^o escalão (8) por meio de uma dupla fila de ligação. Se houver pequena ameaça de um ataque de flanco, a coluna de pelotões (intervalados de 50 jardas, no mínimo) facilitará bem o controle do movimento e permitirá que a Cia. se utilize de itinerários desenfiamados, ao máximo, e bem protegidos nos flancos.

Se o ataque de flanco ou flancos fôr agora razoavelmente possível, os Pels Fz.^o devem sêr escalonados sôbre o flanco ameaçado ou sôbre ambos, e o Pel. Ptr., por sua vez, acompanhará de perto os Pels. de 1.^o escalão, marchando a altura do Pel. da retaguarda, aproximadamente.

(8) — Escalões de Reconhecimento, de Combate e Reservado, entre nós.

Se não houver nenhuma ameaça de ataque de flanco mas se tenha que atravessar áreas perigosas, a linha de Pels. (tendo os Pels. intervalados de modo tal que possam desenvolver seus G. C. sem se perturbarem) tornará possível aquelas travessias no mais curto prazo.

No mais, o Cmt. da Cia. designa as linhas sucessivas a atingir, desloca-se por lanços e reduz os altos ao mínimo, tudo como as Cias. de 1.^o escalão o fazem.

EXECUÇÃO À NOITE: Em tal caso, torna-se muito mais difícil mantêr a direção, o controle e a ligação entre os elementos do que de dia. Por isso mesmo, sendo possível e sempre que o fôr, a marcha à noite se fará ao longo de itinerários reconhecidos de dia. E no caso da marcha têr que sêr feita através do campo, o itinerário a seguir nele será balizado e a marcha efetuada com o auxílio da bússola. Um itinerário mais longo que acompanhe acidentes de terreno facilmente assinaláveis é sempre preferível a um outro mais curto porém menos reconhecível à noite.

O Cmt. do Btl. prescreve o itinerário ou a direção de marcha (ângulo de marcha) a sêr seguida pela Cia. testa. Seu cmt. é responsável pelo inteiro reconhecimento e balizamento, até onde fôr praticavel, do itinerário a seguir, antes da caída da noite. Igualmente procedem os demais Cmts. de Cia. com respeito aos itinerários que os conduzirão; depois de abandonada a coluna de marcha, aos locais que lhes foram designados na zona de reunião do Btl. ou às posições de ataque que lhes forem determinadas.

A Cia. testa é encarregada da regulação da marcha por forma a assegurar a bôa ordem de marcha dentro do Btl. E à sua rtg., cabe as Cias. manterem ligação entre si por meio de filas de ligação.

ACESSO E CONDUTA À ZONA DE REUNIÃO DO BATALHÃO: A Companhia pode ter que ocupar uma área na zona de reunião do btl. Em geral, o Cmt. do Btl. designa um Oficial do Btl. e um Sargento de cada Cia. para antecederem

o Btl. na sua zona de reunião, em transporte por ele fornecido. Cabe-lhes reconhecer as áreas que forem designadas para suas Cias. e reunirem-se aos seus Cmts. de Cia. em tempo de guiá-los para lá (comumente estes detalhes são previstos num roteiro. (9).

Afim de melhor assegurar o escoamento ininterrupto das Cias. para dentro da Zona de Reunião, o movimento dentro dela é feito sem altos. O Ctm. da Cia. facilitará tal movimento aplicando estas regras:

1) Determinar que o estacionador da Cia. divida a área da Cia. pelos Pels. e logo que a Cia. se aproxime dela, enviar um guia, a pé, por Pel. afim de tomar conhecimento da área de seu Pel. e retornar e mtempo de guiá-lo para lá.

2) Ao aproximar-se da área de reunião da Cia., o Cap. poderá preceder a Cia. de algumas centenas de jardas, levando consigo da Cia. e alguns homens de sua Seção de Comando, fazendo com eles um balizamento a homem do percurso que conduz à área da Cia. Em seguida, reconhece rapidamente a área da Cia., divide-a pelos Pels. e encaminha-os aos seus respectivos logares, para o que aguardará sua chegada à entrada da área da Cia.

As viaturas de armas, no caso de se encontrarem sob controle do Btl. até aqui, revertem ao da Cia., ao ser atingida a Zona de Reunião do Batalhão. Atingida a área da Cia., dois viaturas são enviados à entrada da Zona da Reunião para orientar a viatura de munições do Btl. e as viaturas de armas da Cia. para os locais que lhes foram distribuídos.

DEVERES DO CAPITÃO NA AREA DA CIA.: O Cmt. da Cia. é responsável pelas seguintes providências:

1) Imediatamente após a chegada à area de reunião, viaturas e pessoal deverão sêr largamente dispersados, segundo as possibilidades da referida área;

2) Todos os acidentes naturais do terreno, bem como todos os abrigos existentes, serão largamente aproveitados no

(9) — S. O. P. no original americano: Standing Operations Procedure.

no sentido de furtar à observação aérea ou terrestre o pessoal e as viaturas, visando ainda localizar os efeitos de possíveis bombardeios de artilharia;

3) O máximo partido deverá ser tirado dos obstáculos naturais anti-tanques, tais como correntes d'água, troncos dispostos adequadamente, grandes pedaços de pedra, grandes árvores.

4) Os homens que não tiverem conseguido abrigos naturais, terão que cavar seu abrigo individual, enterrado (a prova de estilhaços).

5) Uma guarda disciplinar deverá ser prontamente disposta de maneira a manter o pessoal ao abrigo das vistas de terra e do ar e sempre convenientemente dispersado.

6) As ações de surpresa de patrulhas inimigas serão prevenidas por elementos de vigilância especialmente dispostos para este fim.

7) Postos de granadeiros anti-tanque serão localizados convenientemente afim de proteger a Cia. contra a irrupção de veículos blindados.

8) Postos aéro-anti-tanques serão postados de acordo com o S. O. P. do Btl. (roteiro).

9) Os apanhados de mochilas, se não tiverem sido já desfeitos, são empilhados e dissimulados em um local acessível, conforme as ordens do Cmt. do Batalhão.

10) Se o tempo permitir, as condições físicas dos homens e o estado de seus equipamentos serão inspecionados pelos graduados.

11) Aos homens será assegurado o máximo de repouso possível.

OUTRAS MEDIDAS NAS ZONAS DE REUNIÃO : A munição de reserva só é distribuída mediante ordem do Cmt. do Btl. Quando a viatura de munição que a transporta chega, ela é acomodada no local mais bem abrigado de que se disponha. A distribuição da munição, quando ordenada, deverá ser feita por forma a que somente uns quantos homens de cada vez se aglomerem nos pontos em que fôr feita.

Se Cia. deve permanecer na área de reunião durante o combate, um local de reunião de emergência deverá ser designado previamente.

Em certos casos, especialmente quando faz parte de um terreno reservado, a Cia. Fz.^o pode ocupar área de reunião inteiramente separada das demais unidades. Caberá então ao seu comandante, além das medidas acima, cuidar de sua própria defesa contra o fogo anti-tanque.

Se a partida da Zona de Reunião tiver que ser feita durante o dia e não houver desenfiumento suficiente, a Cia. deslocar-se-á diretamente para a linha de partida.

Fora daí, a Cia. se desloca da zona para a área de reunião, onde poderá abrigar-se e cobrir-se do fogo das armas ligeiras. A ocupação da área de reunião favorece grandemente aos comandantes de Pelôs para orientar seus Sgts. e para despachar suas mensagens, permitindo ainda aos Comandos de Grupo fazerem as suas operações com mais facilidade. Afim de tornar mínimos os danos de ferimentos, esta área de reunião última deverá normalmente ser ocupada pelo menor tempo possível antes da partida para o ataque. Quando a sua ocupação é feita de dia, todas as precauções devem ser tomadas para furtá-la à observação terrestre e aérea.

(Continúa no próximo número)

CASA NICKEL

(Agência CHEVROLET Autorizada)

COMPLETO SORTIMENTO EM PEÇAS E ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS. *

IMPORTADORES DE ARTIGOS DENTÁRIOS

SORTIMENTO COMPLETO EM DENTES, MEDICAMENTOS E INSTRUMENTOS

POSTO DE SERVIÇO CHEVROLET

AGÊNCIA (LOJA) Rua Barão do Rio



OFICINA

Branco, 285 a 305 - Fone, 695



Rua Pedro Ivo, 330 a 348 - Fone, 244

RIO DE JANEIRO ■■■ End. Tel. <NICKEL> - Caixa Postal, 55 ■■■ PARANÁ